

*O terreno ético pode ser considerado como o terreno onde se elegendam as possibilidades de entendimento entre as várias culturas, povos, religiões e igrejas. Esse terreno configura-se por um pluralismo e por divergências de costumes que dificultam o entendimento mútuo entre os que nele se situam. Aparece aqui um dilema que precisa ser esclarecido: as culturas humanas diferenciam-se com base na ética que possuem. Uns consideram essencial o que para outros é secundário. E com frequência verificam-se também diferenças profundas sobre comportamentos e atitudes específicas. Nessa situação, uma «ética mundial» aparece como uma utopia difícil, no mínimo, de se realizar. Verificar quais seriam os possíveis valores que tenham plausibilidade de sintonia ou consenso entre culturas, religiões e igrejas, de modo a se tornarem normativos para todo ser humano, parece um devaneio. Povos, religiões, e igrejas vinculam por motivos éticos sua sabedoria de vida e suas doutrinas teológicas, o que dificulta a compreensão do que é «ético» para uns e outros.*

*Aqui, duas questões parecem fundamentais: 1) compreender que, apesar dos diferentes universos culturais e religiosos nos quais vivem as pessoas, há possibilidade de compreensão mútua. O que garante isso é o elemento da «comunicação», constitutivo da natureza humana. 2) Há comportamentos e atitudes que se verificam presentes em cada povo, cultura, religião, igreja, indivíduo. Sob esses comportamentos e atitudes, existem «motivações fundamentais» que podem apresentar elementos comuns quanto ao seu conteúdo. Tais são, por exemplo, o riso e a dor, que se presentes em cada indivíduo e em cada cultura, aberta está a possibilidade de compreender que a natureza humana possui «constantes» de caráter moral. Essas «constantes» – sentimentos/expressões – estão na base da ética para um indivíduo ou grupo e, se presentes em todos, podem ser também universais.*

*Assim, acentuar as diferenças no comportamento, nos costumes, nos valores, etc., é importante para explicitar a identidade de um povo, uma religião, uma igreja, um indivíduo. Contudo, tais diferenças não implicam, diretamente, em oposição entre povos, religiões, igrejas, indivíduos. A ética funda-se numa «ontologia de relação», a qual afirma*



*que eu sou na medida em que «sou» ligado aos demais. A identidade na qual me situo constrói-se na relação com outras identidades.*

*É importante compreender a relação desse fato com a vida cristã. A vida cristã caracteriza-se por um comportamento pelo qual o cristão demonstra a sua relação com Deus, com a comunidade de fé, com a sociedade. Por ser a vida cristã orientada pela fé, ela encontra-se imersa, por um lado, no horizonte da transcendência. Por outro lado, porém, a materialidade do existir apresenta o horizonte da imanência como o único lugar possível de experimentar o Transcendente. Essa bipolaridade da existência cristã mostra que é na história pessoal e comunitária que se experimenta a imanência do Transcendente e a transcendência do imanente.*

*O horizonte da imanência da vida cristã apresenta o complexo social como o espaço no qual o cristão compartilha com os demais cidadãos os valores, as vicissitudes e as transformações do meio. Nesse contexto, não existe uma ética cristã como uma espécie de «ética pura». A «ontologia da relação», que configura a identidade humana e cristã, vincula fé e vida, testemunho de fé e comportamento social. A tarefa maior consiste em pautar a conduta social pelos valores cristãos, de modo que a ética individual e comunitária seja evangelicamente fundamentada. Situa-se aqui o desafio para a Igreja e para os cristãos de enfrentar corajosamente o debate com outros modos de conceber a vida religiosa e a vida social evitando, de um lado, o apologismo e, de outro lado, a perda da especificidade evangélica do ser e agir cristãos.*

*Dada a importância fundamental desse tema, a presente edição da revista Encontros Teológicos quer oferecer aos leitores a possibilidade de um aprofundamento sobre questões que ajudam a compreender a ética como algo intrinsecamente ligado à vida de fé e da Igreja. Para isso, é preciso pensar sobre algumas questões que aparecem como vitais para a vida cristã, tais como: a «fundamentação teológica da ética» (Marcio B. da Silva), a «generosidade e responsabilidade» na relação pais-filhos (Fabio Bento), a relação entre «bioética, teologia e libertação» (Marcio F. dos Anjos), a «Igreja como espaço ético» (Elias Wolff), a «transcendência ética» (Agenor Brighenti), a «ética na formação presbiteral» (Valdeir Goulart), a relação «ética e meios de comunicação social» (Pedro G. Gomes), a relação «ética sexual e educação para o amor» (D. Orlando Brandes), a «ética na Primeira Carta de João» (Pe. Ney B. Pereira), a relação entre «comunidade de fé e comunidade ética» (Pe. Luis I. Stadelmann) e a relação entre «ética*



*religiosa e idolatria» (Celso e V. Maia). Esses trabalhos querem ajudar a compreender que a ética é um dos elementos centrais na historicidade da vida de fé, no nível pessoal e comunitário. São tentativas de compreender a ética humana na ética cristã e vice-versa, de modo que, para um cristão, nada do que é humano é alheio à sua fé e, portanto, ao seu existir ético como cristão.*

*Elias Wolff*